

JORNAL: CORREIO DA MANHÃ LOCAL: GANABARA

DATA: 2 / 8 / 1953 AUTOR: Fayome Mauricio (J.M)

TÍTULO: \_\_\_\_\_

ASSUNTO: IVAN CONCRETO FELIZ ENTRE AS CRIANÇAS

CORREIO DA MANHÃ

## ARTES PLÁSTICAS

### IVAN SERPA, CONCRETO FELIZ ENTRE AS CRIANÇAS...

Ivan Serpa dispensa, hoje em dia, maiores apresentações. Tornou-se conhecido rapidamente depois da Bienal de São Paulo, onde obteve o prêmio de pintura "Jovem Nacional" e também pela sua atividade intensa no ensino de pintura para crianças no Museu de Arte Moderna do Rio. Pálido, tímido e cerebral, nasceu o jovem artista no Rio de Janeiro, em 1923. Os médicos afirmam que ele não chegaria à puberdade, contudo devido a confusão existente entre as suas aurículas e os seus ventrículos. Hoje, com trinta anos, vive feliz e saudável com um belo menino de 3 anos e espera realizar, daqui a uns 20 anos uma vasta retrospectiva.

Estudou, como tantos jovens pintores do Brasil, com Axel Leskoscheck, possuindo excelentes trabalhos figurativos de 1947 a 1949, época em que começou a pintar. Trabalha muito em todas as horas livres que dispõe. As outras ele divide entre a restauração de obras raras da Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional, as aulas de pintura para adultos e crianças, as visitas diárias e repetidas ao Museu de Arte Moderna do Rio e... o Café Vermelho, onde faz um pouco da ingenua boemia da média, do cafézinho e das últimas do dia.



Entre a precisão e frieza da pintura "concreta" e o calor e desordem do mundo infantil, Ivan Serpa alterna sua vida de artista

Inteligente e culto, é de uma paciência sem limites com todos que o procuram para qualquer espécie de conversa relacionada com os problemas artísticos. Nós o vemos quase que diariamente e, exceto algumas "friezas" esporádicas, oriundas da sua "paixão" pela pintura concreta e do que ele chama o nosso "romantismo" — que na verdade é apenas um pouco de equilíbrio indispensável ao profissional da imprensa — somos excelentes amigos. Talvez por isso mesmo nunca tentamos divulgar suas idéias e pontos de vista para os leitores desta seção, muitos dos quais conhecem Serpa por referências elogiosas apenas.

Atualmente Ivan Serpa procura a arte concreta nos seus trabalhos, com formas geométricas puras, afastando qualquer sugestão de movimento, de espaço e de forma viva. "Cria uma arte despida de qualquer sugestão orgânica, de qualquer sentimento que traduza emoções românticas e desordenadas". (Mário Pedrosa).

Perguntamos-lhe quando acontecera mudança da linha de "figurativo" para o "abstrato" e ele afirma que fora a convivência com Mário Pedrosa que lhe tinha revelado as novas conquistas e possibilidades do trabalho plástico, da utilização dos novos meios técni-

cos, capazes de dar ao pintor sua precisão e nitidez, exigência do plasticismo atual. O resto veio depois.

— Mas afinal, você se considera "abstrato" ou "concreto"? — indagamos.

— Isso é uma questão de terminologia que para responder eu teria que me estender muito. Talvez lhe baste dizer que, na construção de um quadro, parto de uma realidade abstrata — a das formas geométricas — e procuro condensá-la em ritmos resultantes, também da natureza mental.

Abordamos o tema figurativo nos movimentos de vanguarda nas artes plásticas. Estaria eliminado? Quais os motivos? Serpa é de opinião que a única corrente de vanguarda, por ora, é a não-figurativa. Fora dela encontra-se apenas a inovação genial das crianças e dos primitivos e a pintura memorativa e descritiva dos primitivos.

Mas se aparecer de repente um pintor figurativo que, diante de Cézanne, Van Gogh, Gauguin, Picasso, Rouault, Matisse, nos dê uma nova visão das coisas, então eu lhe renderei homenagens.

E o seu famoso ripolin, Serpa, o que você encontrou nele superior ao óleo? O entrevistado encolhe os ombros e diz simplesmente:

— Experimentei o ripolin e ele correspondeu às novas exigências de minha pintura. Se, entretanto, eu redescobrisse no óleo novas possibilidades expressivas, voltaria a ele.

Esta vez perguntaram vários detalhes sobre o processo inicial da realização das telas deste artista. Se era tudo calculado meticulosamente, se havia matemática previsão, esquema, etc. Transferimos as perguntas para:

— Os quadros obedecem a uma relação de "medidas". Isso é, uma cadência rítmica de "forma" e "espaço". Essa cadência é, por assim dizer, arbitraria, de determinação sensível.

Quando a previsão da obra — pergunta do início do trabalho — é obra "pintada na mente", o pintor responde ser antes uma visão ainda imprecisa das relações formais e colorísticas, concretizadas somente no quadro.

Ivan Serpa não esconde seu entusiasmo pelos seguintes artistas contemporâneos: Mondrian, Max Bill, Vantongerloo, Sophie Taeuber-Arp, e nosso jovem Abraão Palatnik... Nos antigos sua estima vai para Carpaccio, Botticelli, Piero Della Francesca e El Greco.

Fazemos uma pergunta preliminar: — Você não acha a pintura concreta um pouco limitada?

Serpa sorri levemente e responde: — Se pensasse assim, não se explicaria que eu fosse pintor dessa tendência!

— Quais os fatos e pessoas que tiveram influência na sua formação?

— Poderia citar duas ou três pessoas que marcaram a minha vida. Mas, a rigor, todas as pessoas, todas as coisas e todos os bichos que eu vi, certamente tiveram influência na minha formação.

E não houve tempo de arrancar mais. Insistimos em outras perguntas que foram respondidas à britânica:

— E sua viagem à França quando sairá?

— Ainda não resolvi.

— Quais são seus planos?

— Meus planos estão nos meus problemas presentes.

— eu não os diviso.

— Vai à Bienal?

— Sim.

O jeito foi mudar de tática. Se nos problemas da pintura contemporânea tínhamos uma certa discrepância, havia outros que nos aproximava perfeitamente:

— O que o levou a dedicar-se à pintura de crianças?

O rosto de Serpa desanuvia-se, quase ganha cor:

— As crianças, você sabe, nos dão muitas lições.

Uma delas é a da liberdade inventiva, a que se deve preservar nela é justamente essa força de criação impetuosa e irreverente...

E a conversa progride amistosamente entre as litografias de Raoul Dufi, com o nosso caro Ivan Serpa, cerebral e ascético na sua pintura e humano alegre e quase tão menino com os seus alunos nas coisas da vida, falando sobre crianças, seu mundo, sua raça, seus talentos, seus encaixos. Esqueceu tintas, ripolin, cálculos, entregando-se gostosamente às lembranças da sua feliz experiência entre os pimpolhos do Museu de Arte Moderna do Rio, continuação do seu próprio pimpolho a remechar tintas e horrar espaços das telas do seu atelier.

...J. M.